



Recebido em: 23/01/2017

Aceito em: 28/02/2017

Moedas *Judaea Capta*: narrativas de uma dominação.

Coins *Judaea Capta*: narratives of a domination.

André Leonardo Chevitarese¹

<http://lattes.cnpq.br/8607821911525405>

Felinto Pessoa de Faria, neto²

<http://lattes.cnpq.br/4522187701788415>

Resumo: As moedas como documento informam vários aspectos de uma sociedade, atendendo a multiplicidade de fins a que foram batidas, seja comercial e/ou simbólica. A moeda por ser, *a priori*, um objeto de circulação e não de consumo, torna-se difusora de símbolos, transmitindo em suas imagens e legendas, um ideal histórico. A cultura material penetra na sociedade de forma ativa e se envolve nas diversas estratégias de adaptação do ser humano; a numismática insere-se nessa proposta, pois através das moedas pode se resgatar traços culturais mediante análise dos símbolos monetários.

Palavras chaves: Vespasiano, *Judaea Capta*, símbolo, cultura material, pós-processualismo.

Abstract: Coins as documents report various aspects of a society, serving multiple purposes for which they had been designed, whether commercially or symbolically. Since coins are objects intended, *a priori*, for circulation and not for consumption, they become diffusing elements of symbols, transmitting a historical ideal through their images and inscriptions. The material culture penetrates society and actively engages itself in various adaptation strategies of the human being; numismatics is part of this proposal, since it is possible to retrieve cultural traits by analyzing the monetary symbols through coins.

Key words: Vespasian, *Judaea Capta*, symbol, material culture, post-processualism.

¹ Professor doutor do Instituto de História – UFRJ.

² Mestrando em Arqueologia – PPG Arq/MN – UFRJ. Orientador: André Leonardo Chevitarese.

Introdução

Nosso *corpus* compõe nove moedas batidas durante o governo *Vespasians Caesar Avgvstvs* – dezembro de 69 a junho de 79 EC, o primeiro imperador da dinastia flaviana. Seu governo insere-se dentro de uma geopolítica clássica romana de expandir as áreas dominadas e manter as conquistadas, com isso, aumentar a riqueza por um complexo sistema de tributos e impostos, direitos de alfândegas, pedágio ao uso de pontes e vias.

Pretende-se analisar como as imagens monetárias estavam a serviço do poder imperial como elemento simbólico e propagandístico, estabelecendo uma linguagem coercitiva, onde se manifestavam relações de poder.

A Judeia no contexto imperial romano: antecedentes da Primeira Revolta

A Judeia foi anexada à estrutura imperial romana e por décadas os judeus sentiram o peso dessa dominação. Os romanos em seu processo de dominação usaram guarnições, queimaram aldeias, construíram casas no estilo romano, extorquiram (via carga tributária) o povo. Essa agenda de dominação propunha fissuras com as antigas tradições.

À medida que o Império conquistava novas áreas, as controlavam com violência militar. Os romanos glorificavam a conquista e a vitória como celebração de triunfo, já os personagens mais importantes do exército adversário eram conduzidos acorrentados, especialmente o general ou rei inimigo, que depois era executado numa cerimônia imponente, segundo costumes romanos. Sobre cada conquista gestava-se uma estrutura político-propagandística presente na arte, literatura, esculturas, moedas etc, para que se mantivesse viva a chama da vitória. Foi um instrumento utilizado pelo Império para demonstrar a todos o seu poderio, assim como forma de coibir qualquer tentativa interna ou externa contra o mesmo. Caso isso ocorresse, o destino seria o mesmo daqueles que um dia tentaram e hoje são retratados com perdedores. Fica difícil compreender e analisar as práticas, como a crucificação, chacinas e escravidão e massacres de cidades, senão dentro de uma tentativa internacional de aterrorizar povos dominados (HORSLEY, 2004: 32-34). Não apenas a violência física era manifestada, mas era orquestrado um arsenal de violência psicológica e simbólica, desrespeitado a cultura, tradição, família e religião.

Uma provocação que teve um protesto em massa por parte do povo foi quando Pilatos retirou o tesouro sagrado do Templo para pagar a construção de um aqueduto, com intuito de levar água para Jerusalém. Milhares de judeus sentiram-se ofendidos e reuniram-se para protestar junto ao governador – como Pilatos não

estava disposto em conversar – deliberou e não os deu ouvidos (HORLEY; HANSON, 2007: 50).

A dominação romana trouxe severas implicações, causando desordem estrutural, pois explorava os recursos naturais e humanos, praticou violência de diversas formas: física, psicológica, simbólica e sexual (REIMER, 2006: 74). “A guerra que leva à vitória forma o pressuposto do tempo feliz da paz, no qual o imperador triunfa [...]. Esta paz que Roma traz é paz-de-vitória para os romanos; para os vencidos, paz de submissão” (WENGST, 1991: 23).

O custo para manutenção da estrutura bélica romana era muito caro. O mecanismo era cotizar esses custos com os povos conquistados, mediante extorsões, pilhagem e elevada carga tributária, “Assim o poder romano causa terror e insegurança [...] a paz é estabelecida e mantida com meios militares e acompanhada de rios de sangue e de lágrimas, cuja dimensão não se pode imaginar” (WENGST, 1991: 25). “A conquista romana inicial de novos povos frequentemente significava devastação do interior, queima de aldeias, pilhagem de cidades, morticínio e escravidão da população” (HORSLEY, 2004: 33).

Dentro desse cenário, como a classe dirigente judaica deveria reagir à medida que sua capacidade de autoridade sobre a Judeia vai se tornando cada vez menor? Era difícil optarem por sair dessa situação desagradável em que se encontravam, exceto pela opção de se emigrarem, que provavelmente foi o destino de muitos, ainda assim alguns membros dessa classe dirigente aceitaram seu papel e continuaram militando pela desordem da zona rural e rompimento com laços culturais regidos pela tradição. No luxo de suas casas podiam ignorar os problemas dos camponeses. A desordem social não ameaçava os ricos, por isso, não apareceu nenhum líder da classe dirigente para lutar contra. Havia sacerdotes e estudiosos da Torá que não faziam parte da classe dirigente e podiam dispor de prestígio junto à população, mas não tiveram nenhuma iniciativa de assumir o poder, pois não havia instituições pelas quais pudessem fazer um ataque à ordem estabelecida. Em meados do século I EC, membros da classe dirigente compreenderam que a anarquia que se estabelecia não era um problema, e sim, uma oportunidade para conseguir mais poder, pois nesse cenário caótico, utilizaram as queixas dos despojados e descontentes para aumentarem seu controle e influências de poder (GOODMAN, 1994: 143-144).

Em 66 EC a capacidade que a classe dirigente tinha em conseguir favores através dos procuradores verticalizou-se em queda e a Judeia caminhou em direção à reação. No início desse ano ocorreu uma luta entre judeus e gregos na cidade de

Cesareia e o procurador Floro favoreceu os gregos e ignorou as queixas judaicas e aumentou sua impopularidade quando retirou 17 talentos do Templo.

Os judeus de Jerusalém não puderam deixar de ver, com estranhaindignação, ato tão tirânico. Floro, como se tivesse feito de propósito, para incitar a guerra, mandou tirar dezessete talentos do sagrado tesouro, a fim de os empregar, como dizia, para o serviço do imperador. O povo revoltou-se imediatamente, correu ao templo soltando gritos e implorando, em nome de César, que o libertassem da tirania de Floro. Não houve imprecações que os mais exaltados não fizessem, nem palavras ofensivas de que não usassem contra aquele detestável governador, alguns com uma caixa na mão pediam, por zombaria, uma esmola em seu nome, como o teriam feito para o mais pobre e o mais miserável de todos os homens. Um descontentamento tão geral em vez de dar a Floro motivo de temor e de receio, principalmente quanto à sua ambição, aumentou-lhe o desejo de enriquecer ainda mais, e bem longe de ir a Cesareia, para fazer cessar a causa da perturbação e esmagar as sementes de uma guerra prestes a se declarar, como seria particularmente sua obrigação, além de dever do seu cargo, pelo dinheiro que tinha recebido, marchou com tropas de cavalaria e de infantaria para Jerusalém, para empregar as armas romanas contra aqueles dos quais queria se vingar e, com suas ameaças, encheu toda a cidade de temor e de receio (Josefo, GJ, II, capítulo XXV: 99-100).

A crescente insatisfação gerou uma revolta, que se estende de 66-73 EC. Esse conflito foi narrado por uma testemunha ocular, Flávio Josefo (37-100 EC). Em sua obra *A Guerra Judaica* é tendencioso aos romanos e essa postura lhe fez e faz passível de várias críticas³, ainda assim, sua obra é referência e ao lê-la necessita de uma dupla atenção: (i) era obediente a dinastia flaviana e (ii) utiliza, em muitos momentos, uma linguagem teológica para narrar a história.

Como desfecho dessa revolta, Jerusalém é conquistada, o Templo destruído em 70 EC e a última resistência, que foi Massada, sucumbiu em 73EC.

Dentro desse contexto, o material imagético romano faz parte de uma proposta imperial de propaganda e dominação. Destaca-se que essa dominação não é irrestrita em relação às áreas conquistadas. Houve a dominação, isso é um fato, o que não significa aceitar uma construção historiográfica de promover a supremacia unilateral romana em relação às outras áreas. “Deve-se construir uma história, e nesse sentido a arqueologia é indispensável para a construção de uma análise que

³ Acerca dessa temática ver: LIMA, Junio Cesar Rodrigues. Flávio Josefo e o paradigma de circularidade cultural entre as comunidades judaicas e a sociedade romana na URBS do século I d.C. [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Rio de Janeiro, 2013. / LOBIANCO, Luís Eduardo. O outono da Judeia (séculos I a.C. – I d.C.). Resistências e guerras judaicas sob o domínio romano. Flávio Josefo e sua narrativa. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em História. Niterói, 1999.

pense as relações de Roma e as suas províncias sob uma ótica multilateral” (PORTO, 2007: 40)⁴.

As moedas *Judaea Capta*

Depois da guerra, a classe dirigente da Judeia foi condenada ao esquecimento, muitos aristocratas e ricos proprietários de terras foram presos, escravizados ou executados. Até aos sacerdotes que se renderam foram mortos, sob alegação de Tito⁵, que deveriam ter padecido com o santuário em chamas.

Aos que escaparam com vida perderam suas terras, confiscadas por Vespasiano e vendidas após abertura e licitação. Foi cobrada uma taxa per capita de duas dracmas, a ser paga anualmente a Júpiter Capitolino, assim como era dada no Templo de Jerusalém. Não foi eleito nenhum Sumo Sacerdote para mediar entre os judeus e o governador, como pretendia a antiga classe dirigente. Foi instalada em Jerusalém uma guarnição de pretorianos destinada a resolver os problemas de perturbação da ordem. Buscou-se erradicar o banditismo, que havia sido endêmico na Judeia, antes da revolta.

A destruição do sumo sacerdócio e da classe dirigente foi tão significativa quanto à aflição de seus próprios sofrimentos físicos e econômicos pela destruição de seu Templo e do culto. A hostilidade ao judaísmo foi marcante à classe alta romana após 73, em relação a isso, a propaganda flaviana enfatizava a restauração da *Pax Deorum*, mediante vitória aos ímpios judeus (GOODMAN, 1994: 234, 237).

O Império Romano confeccionou uma série monetária – *JUDAEA CAPTA* – para demonstrar a superioridade romana e a submissão judaica. Nessas imagens monetárias, sua iconografia estabelece as relações de poder mediadas por Roma. À medida que elas circulavam, gestava-se uma propaganda imperial da conquista romana e advertência aos judeus e todos os povos conquistados pelos romanos – lutem contra nós e esse será o vosso destino.

⁴Acerca dessa temática (romanização), ver: WEBSTER, Jane. ‘Roman imperialism and the ‘post imperial age’’ in Webster, J.; Cooper, N. (eds.) Roman imperialism : post-colonial perspectives. Published by the School of Archaeological Studies University of Leicester, 1996. / MENDES, N. M.; BUSTAMANTE, R. M. C.; DAVIDSON, J. “A experiência imperialista romana: teorias e práticas” *In: Tempo*, Rio de Janeiro, nº 18, 2005. / MENDES, Norma Musco. O conceito de Romanização: uma reflexão. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007. / MENDES, Norma Musco. O espaço urbano da cidade de Balsa: uma reflexão sobre o conceito de romanização. *Revista de História e Estudos Culturais*. Vol.4,ano IV, nº . 2007./ HINGLEY, R. ‘The ‘legacy’ of Rome : the rise, decline, and fall of the theory of Romanization’ in Webster, J.; Cooper, N. (eds.) Roman imperialism : post-colonial perspectives. Published by the School of Archaeological Studies University of Leicester, 1996./ GUARINELLO, Norberto Luiz. O Império Romano e Nós. *In: Repensando o Império Romano: perspectiva socioeconômica, política*. (organizadores: Gilvan Ventura da Silva e Norma Musco Mendes). Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.

⁵ Militar, filho de Vespasiano e seu sucessor.

Material monetário⁶
MOEDAS JUDAEA CAPTA
(CATÁLOGOS DIVERSOS)

1.



1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série *Judaea capta*.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em 71 EC.

3) Denominação: 24,16g, 31mm, Sertercio de bronze

4) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. P. M. TR. P. P. P. COS. III
Busto laureado de Vespasiano, à direita. Com borda de pontos.

5) Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA CAPTA S C
Palmeira no centro; à esquerda, um judeu de pé com as mãos amarradas para trás e atrás de si, um escudo; à direita, uma judia sentada ao lado de um escudo, chorando.
Com borda de pontos.

6) Referências: RIC #424; Hendin #773, Cohen #234.

2.



1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série *Judaea capta*.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em 71 EC.

3) Denominação: Æ 26,30g., sertercio de bronze

4) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIAN AVG. P. M. TR. P. P. P. COS. III
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

⁶ As moedas foram ampliadas para que melhor sejam visualizados os traços iconográficos.

5)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA CAPTA S. C.
Palmeira no centro; à esquerda, uma judia sentada ao lado de um escudo, chorando. Ao lado direito um romano e próximo a sua perna esquerda um escudo.
Com borda de pontos.

6) Referências: RIC II#426; BMC #426, Cohen #238.

3.



1) Autoridade Emissora: Império Romano
Série *Judaea capta*.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em 71 EC.

3) Denominação: 17mm., 2,88g., denário de prata.

4)Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. TR. P.
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

5)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA DEFEATED
Judeu no centro da moeda, virado à direita com as mãos amarradas para frente, na altura da cintura e atrás dele uma palmeira.

6) Referências: RIC #1120; Hendin #770.

4.



1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série *Judaea capta*.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em 71 EC.

3) Denominação: Æ 34 mm., 23,35g., sesterccio.

4) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. P M TR P PP
COS III
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

5)Reverso: legenda de reverso em latim: VIVTORIA AVGVSTI S. C.

Vitória virada à direita, escrevendo em um escudo que está apoiado em uma palmeira. Na parte esquerda e sentado embaixo da palmeira, um judeu. Destaca-se o elevado tamanho da Vitória em relação ao judeu.

6) Referências: RIC II #467; Cohen #624; RIC #223.

**MOEDAS JUDAEA CAPTA
(ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL⁷)**

5.



1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série *Judaea capta*.

2) Datação: 69 –79 EC (Imperador Vespasiano).

3) Denominação: AR 3,22 mm., denário.

4) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG.
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

5)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA.
Judia sentada ao chão submetida por um militar romano.

6) Referências: MHN #423; Cohen #226.

6.



⁷O Museu Histórico Nacional (MHN) foi criado em 1922 e possui um acervo de elevada estima, entre os quais uma coleção com cerca de 130.000 peças, tais como: moedas, cédulas, selos, medalhas, sinetes carimbos e ordens honoríficas. Possui a maior coleção de numismática da América Latina e de certo um dos museus históricos mais significativos do Brasil. Uma das finalidades desse artigo é publicar material de acervo brasileiro.

Foi autorizada a fotografia e reprodução das moedas do MHN mediante fins acadêmicos.

1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série Judaea capta.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).

3) Denominação: AR 2,85 mm., denário.

4) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG.
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

6) Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA.
Judia sentada ao chão submetida por um militar romano.

7) Referências: MHN #424; Cohen #226.

7.



1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série Judaea capta.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).

3) Denominação: AR 3,01 mm., denário.

4) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG.
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

5) Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA
Judia sentada ao chão submetida por um militar romano.

6) Referências: MHN #425; Cohen #226.

8.



1) Autoridade Emissora: Império Romano
Série Judaea capta.

2) Datação: 69 – 79 EC (Imperador Vespasiano).
Batida em: 71 EC.

3) Denominação: Æ 22,82 mm., sertercio de bronze.

5) Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAES. VESPAS. AVG.P. M. TR. P. P. P. COS. III.
Busto laureado de Vespasiano, à direita. Com borda de pontos.

6)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA CAPTA S.C.
Uma palmeira no centro; à esquerda um judeu amarrado com as mãos para trás e virado para a direita. Na direita e virada para a direita uma judia sentada e amarrada. Ela está chorando e em sua frente há um escudo.

7) Referências: MHN #453; Cohen #236.

9.



1) Autoridade Emissora: Império Romano.
Série Judaea capta.

2) Datação: 69 –79 EC.

3) Denominação: Æ 11,30 mm., bronze.

4)Anverso: legenda de anverso em latim: IMP. CAESAR VESPASIANVS AVG. COS. III.
Busto laureado de Vespasiano, à direita.

5)Reverso: legenda de reverso em latim: IVDAEA CAPTA S.C.
Judia sentada e de costas para uma palmeira e virada à direita. Aparente estado de consternação e tristeza.

6) Referências: MHN #471; Cohen #246.

REPRESENTAÇÕES NAS MOEDAS ROMANAS - SÉRIE JUDAEA CAPTA

REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS NAS MOEDAS ROMANAS SÉRIE: JUDAEA CAPTA				
BUSTO	DIVIN- DADE	OBJETO	LIGADO AO SOLO	DIVERSOS
Vespa- siano 9	Vitória	Escudo 6	Palmeira 6	Judeu 4 Judia 7 Militar romano 3

Após a revolta, os vencedores romanos não pouparam esforços para demonstrar esse fato aos vencidos.

Depois que o exército romano, que jamais se cansaria de matar e de saquear, nada mais achou em que saciar o seu furor, Tito ordenou que a destruíssem, até os alicerces, com exceção de um pedaço do muro, que está do lado do ocidente, onde ele tinha determinado construir uma fortaleza e as torres de Hípicos, de Fazael e de Mariana, porque, sobrepujando a todas as outras em altura e em magnificência, ele as queria conservar para mostrar à posteridade, quão grandes foram o valor e a ciência dos romanos na guerra, para se apoderarem daquela poderosa cidade, que se tinha elevado a tal nível de glória. Essa ordem foi tão exatamente cumprida que não ficou sinal algum, que mostrasse haver ali existido um centro tão populoso. Tal o fim de Jerusalém, cuja triste sorte só se pode atribuir à raiva daqueles revoltosos que atearam o fogo na guerra (Josefo, GJ, VII, capítulo I: 341-342) (grifo nosso).

Após a vitória, Tito deixou guarnições na cidade destruída: a décima legião, com um corpo de cavalaria e quatro de infantaria. Ele teceu elogios aos soldados romanos pela obediência e habilidade ao enfrentarem os perigos em batalha. Ao fim, os limites do Império foram alargados e destacou que ninguém poderia jamais resistir à força e ao valor do exército romano (Josefo, GJ, VII, capítulo: 343-344).

Além dessa dominação primária (embates físicos) também houve a secundária (ideológica e simbólica), justamente nessa que queremos focar, mediante análise da iconografia monetária confeccionada por Roma.

O nosso *corpus* possui nove moedas e em todos os seus aversos está o busto de Vespasianocom legenda lhe configurando titulatura: IMP = imperador; CAES = *Caesar*; AVG = *Augustus*; P. M = *Pontifex Maximus*; TR. P = *Tribus Plebei*⁸; P.P = *Pater Patriae*⁹; COS III – Côsul três vezes. Os aversos demonstram uma linguagem figurada, onde o imperador é símbolo e paradigma do Império.

Se antes os judeus se alegravam em suas transações monetárias, pois visualizarem símbolos monetários judaicos, agora a realidade é outra, está estampado o busto de um algoz, assim como diversos símbolos monetários que legitimam o discurso imperial romano.

Na moeda 1 há uma judia sentada e chorando e em pé um judeu de mãos amarradas, na moeda 2 há uma judia sentada chorando, na moeda 3 um judeu amarrado, na moeda 4 um judeu sentado, nas moedas 5, 6 e 7 uma judia dominada por um soldado romano, que está em pé, na moeda 8 um judeu de mãos amarradas e na moeda 9 uma judia sentada, com aparente estado de tristeza. A representatividade judaica está personificada em uma judia ou judeu capturados e submetidos aos desígnios romanos.

⁸ O povo romano deu por aclamação o tribunato vitalício a César, depois da Batalha de Farsália.

⁹ Título decretado pelo Senado, indicando o reconhecimento do povo ao imperante justo.

É, pois, inevitável que os romanos pusessem fim a toda colaboração com qualquer classe dirigente judaica na Judeia. O *satus* de derrotado da província foi enfatizado pela cunhagem de moedas [...] sobre a captura da Judeia e representações de cativos deprimidos, cunhadas na Palestina. [...] Tais símbolos, habitualmente emitidos por Roma para comemorar vitória sobre inimigos estrangeiros [...] proclamaram que os judeus eram um povo hostil submetido pelo poderio de Roma (GOODMAN, 1994: 234, 235).

Nos reversos das moedas 1, 2, 4, 8, 9 possuem a legenda S.C., que significa *Senatus Consultus*, já a legenda da moeda 3 apresenta outra nomenclatura para a série de moedas *Judaea Capta*, que é IVDAEA DEFEATED, ou seja, Judeia derrotada.

Nos reversos das moedas 1, 2, 3 e 4 possuem escudos e nas 5, 6 e 7 possuem um soldado romano submetendo uma judia – são amoedações que representam o poderio bélico romano. Na moeda 4 a deusa Vitória está escrevendo em um escudo – possivelmente um registro da vitória romana sobre os judeus. Essa moeda além de representar a perda militar judaica, também era uma afronta direta a religiosidade judaica pela iconografia de uma deusa.

Nas moedas 1, 2, 3, 4, 8 e 9 a palmeira é representada e na iconografia judaica pode vir “na forma de três ramos de palmeira; de uma palmeira com sete folhas e dois cestos ao lado; de dois feixes de palmas com uma cidra (*etrog*) no meio; e um feixe de palmas com duas cidras a cada lado” (PORTO, 2013: 203). A palmeira floresceu no oriente como símbolo de vida, triunfo e vitória. As palmeiras nessas imagens servem para os judeus subjugados se apoiarem ou de apoio para um escudo, que a deusa Vitória está escrevendo. Uma planta de forte representatividade judaica é utilizada para expressar a vitória e conquista romana.

Análise imagética

A imagem como uma mensagem visual é composta de diferentes signos, por isso é uma linguagem e, portanto, um instrumento de expressão de comunicação. Para que melhor se compreenda uma mensagem visual precisa-se levar em consideração seu destinatário direto, ou seja, para quem ela foi produzida. Ainda assim, identificá-lo não é suficiente para depreender os signos imagéticos, pois a função da mensagem imagética é determinante para a compreensão de seu conteúdo.

A memória semântica para Tulving (1983) é um repertório estruturado de conhecimento, que uma pessoa possui sobre as palavras, símbolos e imagens. O conhecimento passa a ser estabelecido por associações semânticas no processo de aprendizado.

As imagens, ainda mais em um cenário de elevado analfabetismo, tornam-se um dos principais elementos de comunicação. Marcadamente, para o entendimento das imagens monetárias é necessário um diálogo entre: (i) campo teórico da Arqueologia pós-processual, (ii) Arqueologia histórica, (iii) o conceito de imagem, memória e semântica. A soma desses saberes estabelecem a base conceitual para a leitura das amoedações dentro de seu contexto social, cultural e histórico.

A imagem é um discurso, as associações entre o anverso e reverso são um texto e reflete um contexto histórico. Decodificar uma imagem, assim como um texto sem o seu contexto é deixar se levar por engano e anacronismo. As imagens como símbolos são instrumentos de ensino, pois auxiliam na educação e memória. A memória semântica imagética é um conjunto de conhecimento que as pessoas têm sobre os símbolos.

A percepção imagética aciona gatilhos mentais, que nos remetem a múltiplas cenas; fazem-nos recordar de sons, cheiros, momentos de tristeza e esperança. A moeda 1, em ser anverso possui o busto de Vespasiano, já no reverso há uma judia sentada ao chão sendo submetida por um militar romano. Aos sobreviventes do confronto entre romanos e judeus que veem esse tipo monetário, as recordações devem ser as mais pavorosas. A imagem reconstrói a experiência e traz à memória as cenas daqueles que a presenciaram. Mesmo para quem nasceu, uma ou duas gerações após a revolta (66-73 EC) e ainda está dentro de um processo de dominação romano, ao ver a Judeia representada por uma judia sendo submetida por um soldado romano, seu sentimento dê certo foi de dor e sofrimento.

A leitura imagética possui um primado pedagógico por excelência, pois a imagem faz uma construção histórica e para compreendê-la não precisa saber de seu idioma. Compreendê-la é analisar a composição imagética dentro de seu cenário histórico e cultural. Para Joly, a imagem não se limita em ser um signo icônico ou figurativo, já que ela pode inter cruzar diferentes materiais que a compõem para constituir uma mensagem visual. A comunicação visual, sua mensagem, pode ser construída com signos icônicos. Segundo esta autora, dentre todas as teorias e abordagens em relação ao campo imagético, a que melhor analisa em termo conceitual e ultrapassa sua categorização funcional é a teoria da semiótica, pois se torna essencial para a compreensão da imagem o fato dela ser heterogênea e abranger dentro de um limite de categorias de signo (1996: 30). A imagem visual é uma proposta discursiva que comunica seus próprios significados, informando sobre uma realidade tempo-espacial de indivíduos que deixaram a materialidade como registro histórico.

A linguagem, assim como a cultura material é um sistema de signos, que pode ser considerado como um texto. Com base nessa analogia, os “textos materiais” devem ser lidos e sua sintaxe e polissemia desvendada. O objetivo ao ler uma imagem é chegar a sua informação e para isso é necessário selecionar um contexto em um nível de representações mentais que estejam presentes no processo interpretativo (SILVEIRA, 2005: 119).

Atribui-se a leitura monetária um papel ativo em seu contexto social; em suas imagens afirmam ideologias, estratégias de poder, dominação, resistência, negociações, estabelecem as fronteiras entre pessoas e povos, promovem propaganda etc. Através da cultura material os judeus e romanos expressaram sua realidade e nitidamente estabeleceram relações de poder. O material imagético torna-se um material instrumentalizado e instrumentalizador na construção de um discurso que busca por legitimar um discurso hegemônico.

Numismática e pós-processualismo: a cultura material monetária e a historicidade da arqueologia

Em nossa perspectiva de análise da cultura material entendemos que a teoria pós-processual (ou contextual) é o melhor instrumento para ser aplicado em nosso objeto, pois rompe com as leis gerais que tentam explicar a atividade e o comportamento humano, ao mesmo tempo em que busca compreender os significados simbólicos de uma cultura. Essa proposta epistemológica entende que a cultura material não apenas existe, mas é produzida com um sentido e não reflete passivamente a sociedade, pois interage com ela, influenciando-a e por ela sendo influenciado.

A cultura material não apenas existe. É feita por alguém. É produzida para fazer alguma coisa. Ela não reflete passivamente a sociedade, ela cria a sociedade a partir das ações dos indivíduos [...]. Cada objeto arqueológico é produzido por um indivíduo (ou um grupo deles), não por sistema social (HODDER; SCOTT, 2003: 6-7).

A Arqueologia pós-processual tem um papel importante no âmbito de estudos da área que envolve o simbolismo, e deve o arqueólogo se ater a todos os aspectos possíveis, em uma tentativa de compreensão do significado de cada símbolo; quando ocorre há uma aproximação entre a Arqueologia pós-processual e a História, pois analisa as transformações no espaço-tempo, nos processos de continuidade e ruptura.

Hodder e Scott (2003) argumentam que o contextualismo enfatiza, dentro de contextos histórico-culturais, que a relação entre cultura material e todos os aspectos vinculados ao comportamento social são essencialmente dependentes das

ações humanas. Nesse sentido, eles fazem uma crítica ao uso de sistema (principalmente, de conceitos gerais ou regularidades) para explicar o funcionamento de uma sociedade, pois a análise baseia-se no contexto arqueológico, desprendendo-se dos limites de um conjunto de similaridades, pois não constituem os limites do contexto, já que as diferenças entre unidades culturais podem ser relevantes para a compreensão dos significados dos objetos e da carga simbólica intrínseca dentro de cada unidade cultural.

Segundo Marily S. Ribeiro (2007), o conceito de cultura está explícito nos moldes pós-processuais e incluem a ideia de leitura dos significados da cultura material em seu contexto, ressalta a tentativa de compreender os significados possíveis, já que o objeto, seu uso e suas associações possibilitam criar um quadro com referências e sentidos. A cultura material “tem uma dimensão mais ampla e diversificada, envolvendo todo o segmento físico socialmente integrado” (REDE, 1996: 278). O pós-processualismo entende que a cultura material possui papel ativo nas dinâmicas sociais. Essa materialidade é refletida e reflete a complexidade das relações humanas, nelas há múltiplas representações simbólicas, de propaganda, poder, dominação, resistência, política e religiosa.

Dessa forma, considerando a Arqueologia e suas variantes como possuidoras de teorias e métodos próprios que permitem conhecer as tensões sociais e a variedade de situações sociais vivenciadas através da cultura material e da troca de conhecimento com outras disciplinas, a importância da Arqueologia situa-se justamente na democratização do passado, fornecendo aberturas para a vida diária do povo e permitindo que se supere a parcialidade das evidências eruditas (FUNARI, 1998; 2002 *apud* GHENO; MACHADO, 2013, p. 167).

O pós-processualismo valoriza o historicismo, os contextos históricos e a dimensão simbólica. Esse modelo prioriza o indivíduo em seu contexto, assim, como as moedas em seu contexto e não se baseia em sistemas. Seus aversos e reversos, enquanto cultura material são a objetificação do ser social. Essa cultura material só pode ser interpretada a partir de seu contexto. As confecções monetárias não são passivas ou representam um mero reflexo comportamental, pois simbolizam a relação entre si e as pessoas. As moedas são um produto da intencionalidade humana e seu uso simbólico promove a permanência das relações que definem os agentes sociais dentro da esfera social.

Funari destaca a importância do pós-processualismo como ferramenta arqueológica que busca revelar as singularidades de um específico grupo social, desde as suas relações internas, assim como em múltiplos contextos mais amplos, por isso é contextual, histórico e social gerando um “comprometimento do arqueólogo com os

grupos sociais” (2003: 51). Por isso, em sua essência, o pós-processualismo é contextual, simbólico e crítico (OLSER JR., 1992).

Para usar os objetos feitos pelo homem como fontes para a história e para outras ciências sociais, nós temos de lê-los, uma metáfora para interpretá-los [...]. É essencial conhecer o que os objetos significam para as pessoas que os produziram e os usaram (MAQUET, 1995: 39-40).

Analisar as moedas em seu contexto é lê-las considerando a numismática, pelo viés pós-processual, uma ciência interpretativa na qual os símbolos, as ideologias e as estruturas de significado não são meramente reflexões de como os homens tratam com as variações do ambiente.

Conclusão

Para Carlan e Funari: “mais do que a língua e a religião, no caso do Império Romano, a moeda era o único instrumento ligado ao poder que permanecia estável” (2012: 78), pois a representação icônica insere-se em meios aos quais sua semântica é compreendida, pois o material imagético é fruto de cenários específicos e levando em conta os personagens sociais.

Tal análise, como a empreende Eco, leva-o a afirmar que representar iconicamente um objeto significa transcrever, através de artifícios gráficos, as propriedades culturais - convenções sociais, portanto - que lhe são atribuídas. Uma cultura, ao definir seus objetos visuais, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes caracterizadores do conteúdo. Um código de representação icônica estabelece quais os artifícios gráficos correspondentes aos traços do conteúdo, ou, com maior exatidão, aos elementos considerados pertinentes, os quais são fixados (selecionados) pelos códigos de reconhecimento. Existem, portanto, blocos de unidades expressivas que remetem, não ao que se vê, mas sim ao que se sabe, ao que se aprendeu a ver. Um esquema gráfico reproduz as propriedades relacionais de um esquema mental. Os traços pertinentes do conteúdo fixados pelo código são de ordem óptica (codificação de experiências anteriores de percepção), ontológica (propriedades perceptíveis culturalmente selecionadas) e puramente convencional (convenções iconográficas difundidas) (CARDOSO, 1997: 11).

A arqueologia lança seu labor científico para investigar dinâmicas de civilizações, buscando as estruturas culturais dessas sociedades. Michael Shanks (2001) define cultura como uma produção das relações sociais, que compartilham significados através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada. Segundo Ian Hodder (2009) a materialidade da cultura expressa uma resposta ao seu ambiente, pois foram utilizados bens e objetos visando atender às necessidades daquela localidade. A cultura material penetra na sociedade de forma ativa e se envolve nas diversas estratégias de adaptação do ser

humano. As estruturas sociais e o compartilhamento sobre a cultura permitem aos indivíduos usarem a cultura material, de modo que seja compreensível o seu significado de seu uso pelos outros.

Roma teve a habilidade em instrumentalizar seu material monetário em um discurso político e como propaganda imperial não poupou uma linguagem simbólica para expressar a sua conquista e demonstrar aos judeus que os dias não lhes eram favorável.

As moedas, as escolhas de seus aversos e reversos são manifestação de ideologia e suas imagens monetárias não são apenas um reflexo da cultura, mas a constituiu de forma ativa; elas retornam idealizadores de toda uma sociedade, como agente transformador estabelecendo relações dialéticas e dialógicas. As amoedações não são simplesmente reflexos sociais, e sim um meio pelo qual as relações sociais são reproduzidas, legitimadas e transformadas.

Referências Bibliográficas

Numismática:

BMC (II – Vespasian to Domitian). *Coins of the Roman Empire in the British Museum*. To Harold Mattingly. Londres, 1929.

COHEN, Henry. *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain*, Tome I, Paris, 1880.

HENDIN, D. *Guide to Biblical Coins*. 4rd ed. New York: Amphora, 2001.

_____. *A treasury of Jewish Coins*. Jerusalém: Yad Ben-Zvi Press, 2001.

RIC (I – from 31 BC to AD 69) – Roman Imperial Coinage. Revised Edition.

SUTHERLAND, C.H.V. *et al*. Londres: Spink and son LTD, 1984.

RIC (II - from Vespasian to Hadrian) -Roman Imperial Coinage. MATTINGLY, H. *et al*. Londres: British Museum, 1923.

Documentação textual:

Flávio Josefo. *História dos Hebreus. Guerra dos judeus contra os romanos*. Trad. Pe. Vicente Pedroso. São Paulo: Editora das Américas, 1956.

Bibliográfica:

CARDOSO, C. F. *Narrativa, sentido, história*. Papirus: São Paulo, 1997.

CARLAN, C. U; FUNARI, P.P. A. *Moedas A Numismática e o Estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GHENO, Diego Antônio; MACHADO, Neli Terezinha Galarce. Arqueologia Histórica – abordagens. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 58, p. 161-183, jan./jun. 2013. Editora UFPR.

GOODMAN, Martin. *A classe dirigente da Judeia*. As origens da revolta judaica contra Roma, 66 – 70 d.C. Trad. Alexandre Lissovsky e Elizabeth Lissovsky. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HODDER, Ian. *Symbols in action*- Ethnoarchaeological studies of material culture. Cambridge University Press: 2009.

HODDER, Ian; SCOTT, Hutson. *Reading the past*. Current approaches to interpretation in archaeology. 3rd edn. Cambridge University Press, 2003.

HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e Messias*: movimentos populares nos tempos de Jesus. Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 2007.

HORSLEY, Richard A. *Jesus e o Império*: O reino de Deus e a nova desordem mundial. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. 6. ed. Campinas: Papirus, 1996.

MAQUET, Jacques. Objects as instruments, objects as signs. In: Lubar. S & W. D. KINGERY (eds), *History from things: essays on material culture*. Smithsonian Inst. Presss, 1995.

ORSER Jr., Charles. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

PORTO, Vagner Carvalheiro. Imagens monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana. Tomo I – A moeda na Judéia/Palestina entre os séculos II a.C. e II d.C.: Histórico e Análise [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. São Paulo, 2007.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 4, n. 1, jan./dez. 1996.

RIBEIRO, Marily S. *Arqueologia das Práticas Mortuárias*: Uma Abordagem Historiográfica. São Paulo: Editora Alameda, 2007.

REIMER, Ivoni Richter. *Economia no mundo bíblico*: Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: CEBI/Sinodal, 2006.

SHANKS, Michael. Culture/Archeology. The dispersion of a Discipline and its Objects. (284-305) IN: *Archaeological Theory Today*. Edited by Ian Hodder. UK: Polity Press, 2001.

SILVEIRA, Jane R. Caetano. A imagem: Interpretação e comunicação. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, v. 5, n. esp.,2005.

TULVING, Endel. *Episodic and semantic memory*. New York: Oxford. University Press, 1983.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade: experiências e percepções a pax em Jesus e no cristianismo primitivo*. Trad. Antônio M. da Torre. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.